

Diálogo

Carlos Rosão

27/12/2008

"...Ils n'emploient les paroles que pour déguiser leurs pensées."¹

Voltaire

¹ Em português: "...Eles empregam as palavras apenas para disfarçar os seus pensamentos". Retirado de *Dialogue, XIV, Le Chapon et la Poularde (1766)*.

- Bom dia. Quem és tu? – digo eu quando, estranhamente, avisto alguém à minha frente.
- Que forma directa de começar um diálogo, logo com uma pergunta filosófica e traiçoeira! Permite-me que responda de forma igualmente directa: não sei quem sou, mas talvez saiba quem tu és...
- Como assim? Estás a provocar-me?! – respondi eu de forma assustada e precipitada. – Não gosto desse tipo de brincadeiras – acrescentei.
- Calma meu caro amigo. Não pretendo ser rude nem mal educado e muito menos brincalhão, apenas dei uma resposta condizente com a pergunta maliciosa que me dirigiste – afirma peremptoriamente a figura que se encontra diante de mim numa posição que não me permite distinguir na perfeição as suas feições. Mesmo sem distinguir muito bem a cara da figura, sinto-me um pouco impressionado e um tanto ou quanto diminuído pela presença imponente e confiante da sua voz. Todavia não posso dar ar de fraco denotando o que sinto.
- Vamos esclarecer as coisas. Não quero que me trates por amigo, uma vez que não te conheço e, ao contrário daquilo que afirmas, não creio que me conheças. – falo com voz firme tentando soar o mais convincente possível – Já agora, agradecia que me explicasses o que te leva a dizer que me conheces.
- Estou um pouco desiludido contigo, pois apercebo-me agora que vários anos de conversas com outras pessoas não serviram para te ensinar boas maneiras. Será que tenho de ser eu a ensinar-te que é indelicado colocar tantas perguntas em simultâneo? Tal atitude não faz bem à “saúde” de um diálogo. Sinto uma fúria enorme apoderar-se de mim: odeio pessoas arrogantes. Todavia faço um esforço para não o interromper, quando ele continua:
- Como hoje estou bem disposto vou responder às questões. Em relação ao facto de te tratar por amigo, como poderia eu tratar de outra forma alguém que me é tão chegado? Parece-me tolice fazer outra coisa, mas, se isso te ofende, eu tento não usar mais esse termo.
- Não consigo compreender porque insistes primeiro em chamar-me amigo e depois em dizer que somos chegados... – tento demonstrar calma para esconder a fúria que me invade – Ahh. E ainda não respondeste à primeira pergunta que te fiz...
- Tem calma meu caro am... – assim que eu comecei a abrir muito os olhos ele parou a palavra a meio - Eu não tenho problemas em responder às tuas perguntas, todavia não disse quanto tempo demoraria a respondê-las. Ainda para mais, com todas as tuas interrupções, torna-se complicado seguir um fio de raciocínio lógico que permita expressar-me de forma eficaz e célere.
- Desculpa se te pressionei, mas nos últimos tempos sinto os nervos à flor da pele com facilidade – volto eu a interromper, agora de forma mais calma e começando a sentir confiança pelo meu colega de conversa.
- Não precisas de pedir desculpa, pois eu sei os problemas que te afligem. Escusas de perguntar como sei, pois responder-te-ei em breve a essa questão – acrescenta ele, de forma segura, quando se apercebe que, com expressão de surpresa, me preparo para interromper de novo.
- Em relação à tua primeira pergunta. Eu respondi sinceramente a ela quando disse que não sei quem sou. Neste assunto penso que estamos num patamar equivalente. Sentindo-me pouco à vontade com a forma como o diálogo foi direccionado, por isso tento ser eu a decidir a orientação da resposta:
- Não pretendia algo tão profundo, aquilo que eu queria saber era simplesmente o teu nome, de onde vens, esse tipo de coisas...
- Hmm. Podias ter feito a pergunta logo dessa forma. Eu apenas não estou habituado a perguntas triviais, por isso deduzo logo que as perguntas têm um sentido mais profundo.

Quanto ao meu nome, nunca me foi dado nenhum, mas, se isso te apraz, eu costumo tratar-me por “Eu”. Quando à minha origem, hmm... Vasculhando o espaço físico das minhas memórias, sou levado por todas elas para este sítio isolado onde me encontro agora. Por isso pode dizer-se que a minha origem é “aqui”.

Fico sem reacção. O ar entra e sai pela minha boca aberta, como se o meu sistema respiratório tivesse congelado e a minha boca fosse não mais que a entrada de uma gruta fustigada pelo vento...

O mais surpreendente para mim não foi o próprio conteúdo da resposta, mas sim a forma como esta foi pronunciada. A sua voz emana a mais profunda sinceridade, apesar de parecer que deixou ainda algo por dizer. Tento não ser indelicado dizendo que a resposta em si é muito estranha, por isso digo:

- Há uma coisa que continuo sem perceber! Se, como dizes, tens passado toda a tua vida aqui, como é possível saberes alguma coisa sobre mim, uma vez que esta é a primeira vez que visito este local?

- Sinto que não acreditas em mim. Mesmo assim digo-te que, mesmo estando sempre aqui neste ermo local, consegui assistir, de um ponto de vista privilegiado, a grande parte da tua fútil vida...

Eu continuo espantado, mas deixo-me levar pelo fogo do diálogo e respondo sem interrupções.

- Isso não faz sentido! Como queres que acredite em algo que é impossível?!

- Pensei que não fosse preciso chegar a tanto, mas posso falar-te sobre alguns dos “podres” da tua vida para, de uma vez por todas, deixares de duvidar de mim...

Esta é que não esperava! Duvido que ele saiba realmente alguma coisa sobre mim... Isto deve ser conversa fiada, apenas com o intuito de me impressionar.

- “Podres”?! Em toda a minha vida, nunca fiz nada que me tenha causado vergonha ou arrependimento. E, mesmo que tivesse feito, duvido que tivesses conhecimento...

- Lembras-te da Joana? Aquela que foi tua namorada há uns anos?

O meu sangue gela quando o ouço falar neste nome. Ainda hoje me sinto constrangido com esse namoro.

- Sim, lembro. O que tem isso a ver com os episódios *dark* da minha vida? – contra-interrogo, sentindo algum nervosismo interior, sem saber bem porquê, uma vez que tenho a consciência tranquila relativamente ao meu relacionamento com ela.

- Será que te lembras assim tão bem? – diz ele exibindo um sorriso irónico - Se te lembrasses da forma como acabaste o namoro com ela, talvez entendesses de imediato porque estou a referir esta fase da tua vida.

Ele consegue irritar-me com a forma pretensiosa como pronuncia certas frases. Mesmo assim tento não me deixar afectar:

- O quê?! Para quem tudo sabe sobre mim, deixas um pouco a desejar neste assunto! Deixa-me esclarecer-te: quem acabou o namoro foi ela e não eu! Além do mais, eu adorava-a e não tenho a culpa de ela se ter fartado de mim.

- Saíste-me cá um inocente! Isto para não te chamar directamente hipócrita. Então tu achas que ela te deixou apenas por iniciativa própria? Realmente o mais simples é varrer as culpas para baixo do tapete e esperar que elas se evaporem com o tempo...

Sinto-me cheio de vontade de ripostar a este insulto, mas estranhamente sinto também alguma intimidação a crescer dentro de mim.

- Como podes, sem conhecimento de causa, passar as culpas para cima de mim se, apesar de eu gostar dela, ela decidiu desaparecer de um dia para o outro?

- Ainda hoje, mesmo passados alguns anos, consigo perceber através da nossa curta conversa (quer pelo conteúdo quer pelo teu tom de voz) que continuas com o mesmo defeito que te levou a perdê-la...

- Ai sim? Já que te estás a armar em psicólogo, diz-me que defeito é esse.

- Primeiro que tudo a tua atitude de miúdo rezingão que nunca chegou a crescer mantém-se. Isso manifesta-se de forma gritante no tom de voz com que pronunciaste a última frase. De qualquer forma o grande defeito que te levou a perder a Joana não foi, pelo menos directamente, esse. Para meu desgosto, apercebo-me agora que o relacionamento com o “mundo exterior” ao longo dos anos não serviu para que percebesse o que te escapou na altura.

- Mas o que é que me escapou na altura? – respondo eu de forma apressada fingindo que não ouvi os insultos.

- Não sejas tão apressado. Se me deixares falar calmamente, verás que digo tudo o que queres. Ou mesmo que não diga, guio o teu raciocínio para que o percebas sem ser preciso eu próprio o dizer. Isto se quiseses aproveitar o tempo que estou a despende contigo...

A sua voz tornou-se ainda mais enfeitiçante que a da Joana, fazendo com que a minha mente esqueça todas as palavras cruéis que me dirigiu anteriormente:

- Eu quero ouvir e perceber se realmente fiz alguma coisa de errado, pois nunca entendi o que levou a Joana a ir-se embora sem me dizer uma única palavra. Tentei esquecer este assunto, mas por vezes em alturas mais nostálgicas recordo com saudade os tempos que passámos juntos e o vazio que senti quando ela se foi embora.

- Espero então que ouças com atenção o que tenho para te dizer, pois não vou repeti-lo. O teu grande problema, aquele que levou a Joana afastar-se e que eu ainda hoje detecto nas tuas frases, tem a ver com o facto de levas uma vida centrada em ti próprio. Assim que começámos a falar, o teu primeiro interesse foi saber até que ponto a conversa poderia ser vantajosa para ti. Em relação à Joana, deixa-me fazer-te uma pergunta que quero que me respondas de forma ponderada e o mais honestamente possível: gostavas realmente dela?

Mesmo sabendo a resposta de antemão, penso durante uns segundos sobre o assunto antes de responder:

- Sinceramente eu gostava mesmo dela. Adorava o tempo que passávamos juntos, as conversas interessantes que tínhamos e tantas outras coisas. Se não gostasse dela, não teria sofrido tanto com a sua partida...

- Tentei levar-te a chegar sozinho à verdade levantando um pouco o véu, mas parece que tenho mesmo de te abrir os olhos com as minhas palavras. Repara que nas tuas justificações nunca falaste directamente dela, mas sempre sobre o que faziam juntos. Achas que ela também gostava desses momentos que passavam juntos? Vais achar a minha opinião dura, mas aquilo que eu acho, ou melhor, tenho a certeza, é que tu não gostavas realmente dela, mas sim da sensação que ela provocava em ti!

Sinto as palavras atingirem o meu cerne como tiros de canhão, cujo estrondo faz vibrar todos os meus órgãos internos, fazendo com que me custe digeri-las.

A minha garganta seca, impedindo-me de articular palavras de resposta, por isso escuto as suas próximas palavras ribombar nos meus órgãos internos ainda em vibração.

- És capaz de me desmentir? Ou será que cresces de uma vez por todas e assumes as consequências das tuas atitudes?

- Mas eu... não... isso não pode ser assim – as palavras fogem-me, não conseguindo seguir um fio de discurso coerente – não acredito... tens razão? Não!!!

Sento-me, enfiando a cabeça entre os joelhos e tapando os olhos com a palma das mãos para tentar evitar que as lágrimas caiam.

Penso para mim mesmo: “Ele tem razão, como é possível eu nunca ter reparado? Bastou pensar agora um pouco sobre isso para perceber todos os sinais que ela me deu!”

- Continuas incrédulo? – pergunta ele, passado algum tempo, com a sua voz firme e sábia.

- Não. – tento responder, gaguejando ainda um pouco – Por incrível que pareça, só o facto de me teres sugerido a hipótese serviu para abrir os olhos e ver sob outra perspectiva o que me levou, infelizmente, a concordar contigo. Para além de um pouco abalado com a revelação, sinto ainda estranheza em como é possível conheceres tanto sobre mim... – acrescento de forma a tentar saber mais junto do meu companheiro de conversa.

- Não posso esclarecer a forma como sei tudo sobre ti. Espero que consigas perceber por ti próprio, tal como percebeste a verdadeira razão para a partida da Joana... Eu posso orientar-te um pouco, servindo como bússola, mas quem tem de fazer a viagem és tu. É estranho como, num espaço curto de tempo, tenho sensações fortes e contraditórias a respeito deste ser que está à minha frente. Tão depressa sinto confiança e desprezo como raiva e agradecimento.

- Uma viagem? Com que destino? – pergunto eu, depois de me levantar e ainda confuso com a mescla de sentimentos, tentando não deixar o diálogo cair num silêncio gelado.

- Tudo se resume a uma viagem. O destino é o que menos importa, mas terás de ser tu a escolhê-lo, não o poderei fazer por ti. Apenas te posso dar orientações momentâneas. Deixa-me dar-te uma neste momento. Pensando da mesma forma que pensaste sobre a Joana, quero que me digas, com o máximo de sinceridade, se há mais algum “podre” escondido na tua existência à espera de ser exposto...

Deixo-me levar pelas instruções da voz com sonoridade mágica e hipnotizante e penso em voz alta:

- Um “podre” na minha vida... – tento remexer nas memórias mais antigas, mesmo aquelas cobertas pelo pó – Deixa-me ver...

O desafio proposto faz-me pensar com velocidade e inspiração estonteantes. Começo a desconfiar que existe algo escondido no emaranhado da teia dos meus pensamentos, mas não consigo entender o quê.

- Sinto que há alguma incongruência na minha construção de memórias, mas ainda não consegui perceber qual... Talvez esteja mesmo a querer espreitar à superfície, mas a armadura é demasiado espessa para se deixar penetrar assim.

- Não é o que esperava, mas já é um começo. – adianta a figura à minha frente – Acho que com tempo irás chegar lá. Mesmo assim, vou tentar mais uma vez servir de bússola no mar das tuas ideias: nesta fase, o meu conselho é que orientes o foco da tua mente para os teus amigos...

Se ele sabe tanto de mim como aparenta, este conselho deve ser uma provocação, porque há muito tempo que não tenho amigos.

- Amigos?! Quais amigos? – digo eu, levantando a voz – Como bem sabes já não tenho amigos, todos se foram embora há muito tempo deixando-me sem ninguém para conversar até que tu apareceste!

Quando comecei a frase anterior foi com intenção de obter uma resposta mas, mesmo antes de acabar a frase, comecei a pensar na Joana e a ver contornos semelhantes neste caso. Por isso prossigo o raciocínio em voz alta sem deixar que a figura me interrompa.

- Será que a culpa foi minha?! Não pode ser. Mas, mas... Agora compreendo... Eu é que os abandonei. Porque é que não percebi isto antes? A minha mente adora enganar-me. Talvez seja para me tentar proteger das minhas atitudes, mas no fim acaba por me enfraquecer...

Após tantas frases soltas que muito incompletamente descreveram o choque que decorreu na minha mente, sento-me numa pedra para tentar controlar o cansaço físico e psíquico que me invade.

Fecho os olhos e tapo-os, pressionando-os na direcção do cérebro com a palma das mãos. Este gesto é inútil pois não evita que a minha mente continue a ser fustigada por pensamentos fortes e angustiantes. Vejo toda a minha vida passar diante de mim em *flashes*, agora a partir de outro ponto de vista, que ao princípio me parece estranho, mas depois se torna familiar e privilegiado.

Ouço uma gargalhada e, mesmo sem abrir os olhos, vejo a expressão de satisfação na cara da figura com quem tenho dialogado. Incrivelmente, sem que esta mexa os lábios, ouço a sua voz:

- Depois de tanto tempo a chafurdar na lama, parece que finalmente conseguiste encontrar ouro no meio de tanta porcaria. Revolve toda a imundice e verás que, apesar de desconfortável, valerá a pena. Usando uma alegoria semelhante à de há pouco: as viagens dolorosas são, sem dúvida, as mais enriquecedoras.

Não compreendo como a voz dele entrou na minha cabeça... Mas souo ainda mais convincente do que anteriormente, enfeitando-me os sentidos.

Espero uns minutos para ganhar energias que me permitam ter forças para destruir a barreira que se ergueu na minha mente.

- Sim. É verdade. Nunca gostei da Joana. – digo em voz alta enquanto lágrimas afloram nos meus olhos – Também sou sincero quando digo: não perdi os meus amigos, abandonei-os.

Sinto-me aliviado, mas não totalmente. Parte do peso caiu, mas ainda sobrou o principal. É como se tivesse subido a um pico e, antes de me maravilhar com a paisagem, perceber que o pico principal ainda está à minha frente...

Aproveito a altura deste pico intermédio para fazer mais do que há pouco. Agora, em vez de remexer atiro-me de cabeça para dentro do lodo tentando descobrir o que ainda me atormenta.

Com o impulso da queda atinjo o fundo do lodo, mas por pouco tempo. Mesmo assim tempo suficiente para me aperceber que realmente há lá informação pronta a ser violada. Tento voltar ao fundo, desta vez apenas com a força dos braços e das pernas. Pelo caminho resolvo abrir de novo os olhos, mas o lodo é tão espesso que não me permite distinguir nada e me deixa os olhos a arder.

Porque demoro tanto tempo a chegar ao fundo? Pensei que o caminho fosse mais curto. Avanço mais um pouco, agora com medo que me falte o ar e não tenha tempo de regressar à superfície.

Todavia o medo não me impede de continuar, pois preciso mesmo de descobrir o que se esconde no fundo.

O tempo passa e eu não consigo apalpar nem o fundo nem nenhuma verdade até que começo a tossir. Devia ter voltado para cima. Acho que não aguento muito mais tempo sem respirar. Tento regressar à superfície, mas é tarde de mais. Instintivamente a minha boca abre-se à procura de ar para respirar, mas o que entra é o lodo espesso, castanho e mal-cheiroso. Primeiro sinto os pulmões em chamas até que finalmente perco os sentidos...

Recobro os sentidos, sentido-me leve como uma pena... Será que morri e estou no “outro lado”? Ou será que a conversa e a viagem foram produto da minha imaginação?

Abro os olhos e, após alguns segundos de adaptação visual, avisto o meu colega de conversação sentado numa pedra. As suas feições parecem-me mais familiares que nunca...

Antes de lhe dirigir palavra, dou conta de nunca me ter sentido assim tão livre...

Tento recordar o que se passou dentro do lodo mas não sou capaz, apenas me consigo lembrar de... Sim, era isto que me torturava, só podia ser. No entanto agora não está escondido e não tenho receio de falar sobre isso.

- Já voltaste? – pergunta a figura, antes de eu ter tempo de reiniciar a conversa – Estiveste algum tempo “ausente”, mas pela tua expressão, parece que levaste a viagem até ao fim. Não te vou pedir que me contes pormenores, apenas quero saber se valeu a pena.

- Olá de novo. Tenho estado a digerir toda a informação que recebi e posso dizer-te, sem a menor dúvida, que valeu a pena. – respondo com uma calma que seria impensável para mim no início deste diálogo.

- Não me consigo lembrar de grandes pormenores do final da viagem – prossigo eu – mas o que interessa é que ela permitiu-me finalmente compreender a origem dos meus tormentos. Agora percebo a tua expressão sobre o destino não ser tão importante como o caminho.

Sinto uma confiança extrema em quem está sentado à minha frente, por isso resolvo contar tudo sobre o que aprendi.

- Descobri o grande “podre” da minha vida e aprendi a aceitá-lo como parte de mim próprio. A verdadeira raiz de todo o mal: nunca tive coragem de admitir quem sou nem o que fiz. O meu nascimento causou a morte da minha mãe e, conseqüentemente, o suicídio do meu pai, adivinhando, desde logo, a minha necessidade de solidão. Repeti esta *atitude* ao longo da vida, embora em menor escala, com os meus amigos e a minha namorada, sempre porque nunca soube aceitar-me tal como sou.

Vejo a figura a levantar-se e resolvo fazer o mesmo. Aflora um sorriso irónico na sua face antes de me dizer:

- Despeço-me esperando que a nova viagem, que hoje começa, corra bem. Adeus e até sempre.

Despeço-me também, correspondendo com a mão ao seu aceno, e viro costas ao lago espelhado para seguir curioso a minha nova viagem.